

## ***A MONTANHA AZUL* DE MEIR SHALEV: UMA LEITURA PÓS-SIONISTA DA SOCIEDADE ISRAELENSE**

Gabriel Steinberg (USP)

O século XX representou para os judeus dispersos pelo mundo uma dupla reviravolta; por um lado, seis milhões deles foram eliminados pela matança ordenada da II Guerra Mundial, na *Shoá*. Nestes mesmos anos conturbados chegou ao ápice a busca de uma solução territorial e nacional para o povo. Sustentados pelos ideais desenvolvidos e estipulados pelo Sionismo, o movimento que buscou recolocar o povo judeu no antigo solo bíblico e ali tornar a fazer dele uma nação, depois de anos de embates, criou-se o Estado de Israel, o lar nacional dos judeus.

A história desta luta e concretização de um sonho foi escrita por autores que baseados em seus ideais e nos da nação, redigiram-na a partir de sua face heróica, conforme o modelo que lhes fora apresentado.

Nas décadas de 1980 e 1990, Israel presenciou um novo fenômeno cultural e político: o revisionismo histórico. Os historiadores dessa corrente (Avi Shlaim, Ilan Pappé, Simcha Flapan, Benny Morris, Tom Segev) ao negarem a história oficial que conforme a sua concepção está baseada em mitos sionistas, promoveram uma reescrita da história, o que originou grandes debates na sociedade israelense.

Tal fato repercutiu nos mais diversos segmentos do país e, em particular, na literatura. No romance *Roman Russi* (1988), versão em português *A Montanha Azul* (2002), o escritor israelense contemporâneo Meir Shalev recria o cotidiano de várias famílias de pioneiros ao longo de três gerações no Vale de Jezreel, na região da Galiléia: a geração dos pais fundadores chegados à Palestina no início do século XX com a 2ª

*aliá*; a geração dos nascidos no *ishuv* e, portanto, os que ajudaram a fundar o Estado judaico; e a geração nascida após a criação de Israel.

*A Montanha Azul* nos mostra que alguma coisa deu errado, que o sonho não se concretizou em sua totalidade, que tanto esforço em parte desmoronou. A obra sinaliza para o fato de que um povo que renuncia aos seus mitos é responsável por seu próprio declínio. A obra de Shalev foi recebida como sendo anti-sionista, porém na realidade o autor critica às novas gerações que negligenciaram os valores sionistas.

Meir Shalev é originário do *moshav* Nahalal onde nasceu em 1948. Ter nascido em Israel representa para ele e para outros escritores contemporâneos viver num país que encontra-se até hoje em permanente efervescência. Shalev, por meio da ficção, mostra o retrato de uma sociedade de pessoas comuns e não somente de heróis de guerra e de exemplos de retidão moral. Através da literatura é possível conhecer o retrato da sociedade israelense assim como seus aspectos históricos e políticos. Por intermédio da voz de escritores que representam de certa forma a consciência da nação judaica, é possível fazer uma tentativa por compreender os destinos da empreitada sionista<sup>1</sup> na atualidade.

Para Ilan Pappé, um dos chamados “novos historiadores”, “em Israel a literatura não representa a política mas sim, ela faz parte da política pois a literatura não teria em Israel existência própria fora do marco político e ideológico”. (PAPPÉ, 1996, p. 22) Pappé afirma que a literatura não tem em Israel uma posição autônoma desconectada do diálogo político e cultural. Isto não ocorre de forma deliberada como uma manipulação, mas sim, como a resposta dos escritores às exigências morais do cotidiano peculiar que o sionismo moldou.

---

<sup>1</sup> Sionismo – O termo sionismo foi criado em 1885 pelo escritor judeu vienense Nathan Birenbaum, sendo Sion um dos termos bíblicos para designar a cidade de Jerusalém. Sionismo tornou-se desde então o nome oficial do movimento nacionalista judaico.

Em *A Montanha Azul*, Shalev mostra a vida e as relações de várias famílias de camponeses da região da Galiléia no início do século XX, e consegue transformar um cotidiano carregado de grandes significados, baseado no trabalho árduo para construir uma nova vida numa nova terra. A narrativa desenvolve-se em dois campos ao mesmo tempo: o mundo mítico dos pioneiros que deram suas vidas para fazer renascer a nação judaica tendo como pano de fundo o mundo mitológico bíblico e, por outro lado, o que resultou de tantos sacrifícios e de tantos sonhos, ou seja, o Estado judaico contemporâneo.

O livro dá voz a personagens que empenharam suas vidas pela reconstrução de um país e alguns destes personagens adquirem traços fantásticos ou até grotescos. A aldeia agrícola fundada por Yaacov Mirkin e seus amigos é apresentada no romance como uma espécie de microcosmos, um mundo fechado e autônomo que representa, de certa forma, uma parte da sociedade israelense. Este microcosmos tem sua própria história e sua mitologia e encontra-se isolado do mundo, a montanha azul o isolava do restante do país e das mudanças estruturais e políticas. Esse microcosmos contém personagens caricaturizados por Shalev: Yaacov Mirkin, o pai fundador da família principal; Yaacov Pinnes, o mestre de toda uma geração; Liberson, o ideólogo; Tsirkin Bandolim, o artista; Rilov, o eterno combatente; Fanya, a mulher mais bonita da aldeia; Levin, o pioneiro que não deu certo; Zeitzer, o mulo da Rússia que deu a vida trabalhando na aldeia; Efraim, visto como um monstro ao retornar desfigurado para a aldeia; Meshulam, um historiador frustrado; Baruch, o narrador desajeitado e Uri, o rebelde contestador.

Em *A Montanha Azul*, Meir Shalev abriu a caixa de Pandora e deixou sair dela as energias reprimidas de quem procurava expressar seu próprio pequeno mundo, fato

que possibilitou o surgimento do relato pessoal, um luxo para o período inicial da construção da nação, em que somente era válido o relato coletivo e não o individual, o pessoal, o familiar.

A narrativa nos transporta para o mundo dos pioneiros, para uma época em que estes abandonaram a Europa cheios de esperanças e chegaram a uma terra desolada na qual viviam em tendas enfrentando as adversidades climáticas, as doenças, os mosquitos e a fome, na qual se privaram de qualquer instalação mais elementar de conforto. Eles valorizavam o trabalho pesado, o mais perigoso e o menos desejado por pessoas comuns.

O coletivismo na terra de Israel saiu do discurso para ser implementado na prática em todas as frentes do cotidiano e ele se desenvolveu a partir de necessidades e exigências concretas da vida agrícola. Isolados em lugares remotos, os colonos consideravam a forma de participação conjunta em todas as atividades como o método mais funcional de sobrevivência econômica além da compensação emocional de voltar ao solo sagrado e da consciência de estarem se regenerando moralmente de vinte séculos de vida diaspórica. Nas escolas secundárias e em todos os movimentos juvenis, componentes fundamentais da empreitada sionista, lembrava-se constantemente aos jovens que eles eram a vanguarda da redenção de Israel e de todo o povo judeu ainda retido na diáspora. Esta avaliação de auto-sacrifício em prol de todo o povo era compartilhada, ao menos no discurso e na ideologia, por grande parte do *ishuv* e também por muitos daqueles que, chegando ao país, se engajavam nos destacamentos de trabalho e nas colônias agrícolas.

Os pioneiros insistiam em ganhar seu pão como trabalhadores assalariados e evitavam ocasionais meios de vida que poderiam ser vistos como mais fáceis. Vestiam-

se como camponeses, desprezavam qualquer luxo e desdenhavam o materialismo dos agricultores veteranos oriundos do velho *ishuv* ou daqueles que tinham imigrado em 1881. O lema que guiava os novos imigrantes era: “*Anu banu artza livnot uleibanot ba*”- nós viemos para a terra de Israel para nela construir mas também e, principalmente, para sermos nela reconstruídos. Este mundo de mitos ruiu aos olhos dos “novos historiadores”.

*A Montanha Azul* mostra que alguma coisa deu errado, que o sonho não se concretizou em sua totalidade, que tantos anelos não tiveram continuidade, que tanta esperança colocada a serviço do bem coletivo em parte se desvaneceu. O romance sinaliza para o fato de que um povo que renuncia aos mitos que sustentaram a fundação de seu país é responsável por sua própria decadência. Que futuro espera um povo se ele próprio abandona o caminho traçado com tanto empenho, se abandona a visão da redenção e o sonho? Por meio do romance se faz uma crítica à sociedade israelense contemporânea que se dedica a quebrar seus próprios mitos, que ri de seu próprio passado e o menospreza. Isto é resultado de uma sociedade em crise que em lugar de imitar os pioneiros idealistas procura com sua autocrítica permanente distanciar seu passado, fato este que poderá enfraquecê-la pois nesta constante tentativa de abrir a caixa preta de sua história, poderá encontrar erros mais numerosos que os sucessos já consagrados.

O mito nacional, ao lado da religião, da história, e da ideologia, forma a memória coletiva de uma nação. O sonho coletivo israelense está deixando seu lugar para as realizações individuais. O mito deve ser entendido como uma história ideal mediante a qual uma sociedade conta fatos a respeito de si desde a sua origem até seus

objetivos para o futuro. Os mitos do passado servem para entender o presente e até para moldá-lo. Os mitos estão envoltos por um certo ar de santidade, e estão relacionados de forma dramática ao início de grandes acontecimentos históricos. A função do mito é unificar a sociedade e dar a um acontecimento histórico, um significado que extrapola o tempo e o espaço em que este ocorreu. E, mais ainda, é a base que molda uma cultura, uma sociedade e uma nação. (OHANA e WISTRICH, 1997, p. 17)

A ideologia sionista foi constituída sobre o mito da construção de um movimento que daria aos judeus uma pátria em Sion e a história narrada em torno deste fato, era a da volta à pátria ancestral assim como um retorno à própria história universal, da qual o povo judeu tinha sido banido. Criar um novo país implicava no retorno a símbolos, rituais e mitos nacionais originários na religião e no passado histórico. Um retorno à história universal por intermédio de uma soberania renovada na terra de Israel, exigia o sacrifício individual em prol da coletividade em benefício de uma empresa maior. Era necessário, para isso, moldar os sobreviventes da *Shoá* e os judeus oriundos dos países árabes e muçulmanos vistos então como o “pó da terra”, em novos homens, em *sabras*<sup>2</sup>, ou seja, em israelenses autóctones fortes e valentes e para tanto foi necessário elaborar uma nova consciência coletiva fortemente influenciada por mitos de heroísmo, por rituais nacionais e por uma nova ideologia.

Nas décadas de 1980 e 1990, Israel foi sacudido por um novo fenômeno representado pelo revisionismo histórico. Segundo esta visão que tem por objetivo

---

<sup>2</sup> Sabra – Nome de um cacto típico de Israel. Por extensão é uma denominação dada aos nativos de Israel e especialmente aos jovens querendo assinalar uma característica marcante atribuída aos israelenses: espinhosos por fora mas doces por dentro.

analisar a sociedade sob a ótica do pós-sionismo<sup>3</sup>, muitas das posturas que eram aceitas no passado tornaram-se passíveis de serem discutidas e criticadas e muitas vezes questionando-se até mesmo sua veracidade. Uma nova geração de historiadores entendem a empreitada sionista como uma forma de colonialismo europeu surgido contra a nacionalidade árabe palestina autóctone. A *Shoá* é vista por estes “novos historiadores” como um meio de manipulação usado pela liderança sionista para justificar e legitimar toda a obra do sionismo. A Guerra da Independência de 1948-1949, portanto, é encarada como um acontecimento a partir do qual originou-se o Estado judeu que fez com que 700 mil palestinos perdessem seus lares e suas terras.

A geração dos “novos historiadores” coloca em xeque os mitos fundadores do Estado de Israel desmistificando, assim, os alicerces sobre os quais o país legitimou-se nas primeiras décadas de sua fundação e com isso ajudam a desconstruir o sionismo oficial. Nesta desarticulação são menosprezados aqueles que deram suas vidas para transformar em realidade um sonho: os líderes sionistas, os pioneiros, os pais fundadores do Estado, os ideólogos do movimento sionista, os combatentes que lutaram pelo país, a geração do *Palmach*<sup>4</sup> e até os líderes políticos do país desde a sua fundação até a atualidade.

Esta reviravolta da história é adequadamente abordada por Shalev por meio de sua obra ficcional. *A Montanha Azul* apresenta a própria história já lendária das origens de Israel. Yaacov Mirkin, o avô, conta o passado a Baruch, o neto, transformando-o no depositário de um começo glorioso que os integrantes da segunda geração não souberam como enfrentar nem como seguir a obra de seus pais, os pioneiros idealistas da segunda

---

<sup>3</sup> O pós-modernismo foi definido em Israel sob a denominação de pós-sionismo. Isto de acordo com as palavras de Benny Morris, um dos mais destacados “novos historiadores”. (MORRIS Benny – *Tikun taut, yehudim vearavim beeretz Israel, 1936 – 1956*. Tel Aviv, Am Oved, 2000 – p. 14)

<sup>4</sup> Palmach – Acrônimo de Plugot Machatz, ou tropas de choque. Unidades de elite da Haganá na época da Guerra da Independência constituídas por jovens oriundos dos kibutsim e moshavim.

*aliá*. A imponentia destes os persegue ao longo do romance e alguns deles, por esse motivo, abandonaram o país para viver a própria vida longe da sombra de seus pais, os pioneiros. Nos dias da terceira geração, o sonho esfacelou-se em pedaços. Mesmo apontando o fracasso, a quebra de mitos, há uma sinalização para a possibilidade de um novo início depois da aparente derrota da obra iniciada pelos pioneiros. O romance confronta-se com o “mundo dos mitos do início da colonização” (YITZCHAKI, 1988, p. 13)

*A Montanha Azul* mostra que a obra dos pioneiros foi negligenciada e se auto-destrói pelo abandono nos dias da terceira geração, ela não tem continuidade. No romance, os pomares cultivados pelos pioneiros dão lugar a um cemitério no qual são sepultados, pelo neto Baruch, os integrantes da segunda *aliá*. No mesmo lugar onde trabalharam tanto para redimir a terra e o povo, ironicamente ali mesmo eles são sepultados. Mas *A Montanha Azul* não tem por objetivo sepultar os mitos, quer confrontar-se com os mesmos para então dar um novo significado à experiência judaica numa era pós-sionista.

O tema recorrente no romance é a quebra de um sonho, um ideal que foi duramente perseguido pela geração dos pais fundadores e que fracassou em mãos das gerações que se lhes seguiram. O crítico israelense Yossef Oren vai mais além, chamando *A Montanha Azul* de “primeiro romance anti-sionista”, pois Meir Shalev não se contentou em desvendar os pontos fracos da empreitada sionista mas pretendeu mostrar que toda a obra dos pioneiros estava viciada desde o início da colonização. (OREN, 1990, p. 69) Shalev coloca a crítica à colonização na boca dos próprios pioneiros. A constatação de fracasso dos primeiros imigrantes aparece na fala do professor Yaacov Pines, um dos fundadores da aldeia. Num boletim interno ele diz



“Estávamos errados... Errados educativamente. Errados politicamente. Errados na maneira como pensávamos no futuro. Somos como animais cegos, enterrados em lama até o pescoço”. (SHALEV, 2002, p. 280)

Ironicamente, Shalev contrastou as diversas gerações: Avraham, filho de Yaacov Mirkin, um dos pais fundadores da aldeia abandonou o país para mudar-se ao exterior, Baruch transformou as terras produtivas de Mirkin num cemitério, e Uri, por sua vez, o neto rebelde é quem retorna para a aldeia cheio de planos para trabalhar na agricultura. Cabe a Uri, o *sabra* rebelde, dar um novo rumo à empreitada sionista.

Na opinião de Sarah Shuv, *A Montanha Azul* não é um romance pessimista nem apocalíptico como foi encarado por vários críticos literários. Segundo sua opinião, “*A Montanha Azul* é, talvez, o romance mais otimista que foi escrito nos últimos anos acerca da vida na terra de Israel e da continuidade do sionismo”. (SHUV, 1989, p. 55) E “*A Montanha Azul* não anuncia o fim do sionismo mas, sim, a passagem para uma outra forma de ideologia, para um sionismo mais equilibrado emocional e racionalmente, um sionismo mais próximo da realidade”. (Idem, p. 56)

## Bibliografia

OHANA, David e WISTRICH, Robert S. – organizadores (1997) *Mitus vezikaron: guilguleha shel hatodaá haisraelit*. Tel Aviv, Hakibutz hameuchad.

OREN, Yossef (1990) Román russi – Meir Shalev. *Tzionut vetzabariut baroman Haisraeli*. Rishon Letsion, Ed. Yahad.

PAPPÉ, Ilan (1996) Mussari, tsodek vehoshek. *Iton* 77, nº 196.

SHALEV, Meir (1993) *Román russi*. Tel Aviv, Am Oved. Versão em português: (2002) *A Montanha Azul*. Algés, Difel.

SHUV, Sarah (1989) Hearot lealilat Roman Russi. *Alei Siah*, n° 26.

YITZCHAKI, Yedidiya (1988) Mitologuizatzia shel hamitus. *Iton* 77, n° 105